

# A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: REFLEXÕES FORMATIVAS

## TEACHER EDUCATION: FORMATIVE REFLECTIONS

Franciele Fantin<sup>1</sup>

Recebido em: 22 nov. 2021.

Aceito em: 16 dez. 2021.

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo compreender a função educador com vistas a sensibilizar para a resistência enquanto reexistência. A discutir com os pressupostos tradicionais e estigmas que amarra como profissional docente, bem como entender a função educador como princípio humano formativo a fim de superar a visão fragmentada e respeitar as singularidades. Neste ínterim o artigo se apresentará em três seções: A primeira seção irá discutir os pressupostos tradicionais e estigmas de amarra do profissional docente. Na segunda seção as discussões têm como pressuposto entender a função educador como princípio humano formativo. A terceira seção visa reflexões á superar a visão fragmentada em valoração das singularidades. Assim, a educação clama uma ressignificação, é necessário reinventar e atribuir novos significados aos processos educativos, a escola que educa para e com princípios voltados a dignidade humana, uma escola para todos e para cada um numa comunidade humana que atende e prioriza a educação.

**Palavras-chave:** Educação. Função educador. Reexistência. Singularidades. Dignidade humana.

### ABSTRACT

This article aims to understand the educator role in order to raise awareness of resistance as a re-existence. Discussing with the traditional assumptions and stigmas that ties as a teaching professional, as well as understanding the educator role as a formative human principle in order to overcome the fragmented vision and respect the singularities. In the meantime, the article will be presented in three sections: The first section will discuss the traditional assumptions and stigma attached to the teaching profession. In the second section, the discussions are presupposed to understand the educator role as a formative human principle. The third section aims at reflections to overcome the fragmented view in valuing singularities. Thus, education calls for a resignification, it is necessary to reinvent and assign new meanings to educational processes, the school that educates for and with principles aimed at human dignity, a

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação. Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). <https://orcid.org/0000-0002-4889-6454>. E-mail: [franciele.fantin@yahoo.com.br](mailto:franciele.fantin@yahoo.com.br).

school for everyone and for each one in a human community that attends and prioritizes education.

**Keywords:** Education. Educator role. Reexistence. singularities. Human dignity.

## INTRODUÇÃO

A educação é orientada por fatores humanos, sociais, políticos e históricos que desenham num cenário propício a discussões e reflexões no que tange a formação de professores e a função educador. Sendo que, perante a um cenário carregado de pressupostos que amarram os profissionais e deliberam condutas silenciosas, tangem-se reflexões urgentes no que diz respeito à sensibilização para uma resistência como reexistência.

A função educador permite a sensibilização como um convite a ressignificar espaços educativos como espaços aprendentes, nos quais se promova uma educação de qualidade para todos e para cada um. Valorizando as singularidades, a promover aprendizagens que ultrapassem as barreiras da educação básica e promova a educação num nível de desenvolvimento pleno do aluno, sem limitações políticas, sociais e culturais.

Ao educador cabe perceber o cenário educacional que está inserido na consciência de reconstruir espaços aprendentes, livres das amarras e dos pressupostos tradicionais, vistos como verdades históricas, a serem questionados para superar a visão fragmentada.

Dentro disso, vale olhar para o cenário contemporâneo que vem destruindo as singularidades em detrimento da valorização humana, na busca de uma educação que compreenda princípios que levem a valoração do humano a contemplar as sensibilidades de colocar-se/sentir-se no lugar do outro e promover uma educação que atenda o olhar, o toque, uma educação não romântica, mas capaz de promover e expandir sonhos e criar espaços aprendentes.

Assim, esse artigo tem por objetivo geral: Compreender a função educador com vistas a sensibilizar para uma resistência como reexistência. A discutir com os

objetivos específicos: Compreender os pressupostos tradicionais e como estigmas de amarras do profissional docente. Entender a função educador como princípio humano formativo. Indicar suportes para superar a visão fragmentada e respeitar as singularidades.

Neste íterim o artigo se apresentará em três seções: A primeira seção irá discutir os pressupostos tradicionais e estigmas de amarras do profissional docente. Na segunda seção as discussões têm como pressuposto entender a função educador como construção do/no viver. A terceira seção visa reflexões com base em pressupostos com potencial para superar a visão fragmentada dos saberes em valoração das singularidades.

## **OS PRESSUPOSTOS TRADICIONAIS NA CONSTRUÇÃO DOCENTE**

No que tange a reflexão sobre a profissão docente e do ser professor vem alguns questionamentos e reflexões; Que realidade está posta em discussão? Quais são os parâmetros políticos que originam essa formação? O que é formação? Formar para quê, com que princípios?

A educação deveria trazer como foco a experiência E trajetos possíveis como campo histórico. Nesta perspectiva CARVALHO (2016, p.4) escreve que:

Ora, todo foco de experiência produz trajetos possíveis como campo histórico para modos de ser. O problema está na consolidação naturalizada dos trajetos, ou seja, dos rumos pelos quais passamos a viver, a sentir, a querer, a trabalhar, a gozar; rumos pelos quais significamos e justificamos nossas experiências, nossas doenças, nossas patologias, nossos impedimentos de experimentação subjetiva; rumos pelos quais aceitamos as coisas como se não fossem invenções históricas e como se não pudessem ser diferentes do que são. Mas também trajetos e rumos pelos quais reabsorvemos e repassamos nossas experiências com a educação.

O autor traz a experiência como significativa e negligenciada quando se consolida uma forma naturalizada dos trajetos, pois se passa a viver e conviver com situações ligadas ao viver e ao sentir como se não fossem invenções históricas. A estas experiências o que se experiencia também na educação. Tais condutas levam a erros inegáveis como o ensino e a aprendizagem, aonde vem a questão; Cada aluno é passível de aprendizagem, mas a esta constatação criam-se estigmas e pressupostos a construir negações em detrimento do humano e de sua singularidade.

Tal aluno não é considerado na sua singularidade e nesta atitude nega-se a experiência e não se constrói a ou sua possibilidade de aprendizagem.

Nesta perspectiva também está o educador que, movido por pensamentos e construções/cooptações políticas, estilo neoliberais desacredita da sua capacidade de experimentar, aceitando consolidar-se não mais como pessoa – *persona* -, mas como um registro, um número passivo de gestão administrativa, vendo-se incapaz de criar espaços aprendentes que valorizem a vida e o viver.

Assim, Carvalho (2016, p. 4) reflete que:

Se situarmos o neoliberalismo na chave de leitura dos focos de experiências, podemos dizer que temos uma nova intensidade de forma de governo expressado em estratégias próprias. Essa estratégia própria é a elevação à última potência do poder de abstração que a biopolítica foi capaz de elaborar. No registro biopolítico, um indivíduo não é mais um corpo individual. É, antes de tudo, uma cifra, um número, um código ou, no limite, um corpo abstraído em um núcleo populacional passivo de gestão administrativa, visando qualquer instância de sua vida.

A partir da fala de Carvalho vê-se que a perspectiva neoliberal é capaz de abstrair vidas e mudar o foco da experiência, a deixar de valorizar o viver, impor limites e criar estigmas e pressupostos que terminam por definir existências em prol de indicadores neoliberais capitalistas que buscam o lucro em detrimento da vida. Esse cenário invade os espaços educacionais, impossibilitando momentos que envolvam a magia do aprender e compreender-se como sujeito agente construtor da sociedade, e não uma cifra, um número, um código a serviço da biopolítica neoliberal.

A sala de aula é um cenário de incertezas, crises, pressões sociais e econômicas que invadem os momentos de aprendizagem e impossibilitam a formação integral humana. A comprometer o viver espontâneo na magia do apreender... do questionar... e construir espaços aprendentes, pois a sala de aula deveria se voltar apenas a construção do conhecimento em valoração da vida.

Libâneo (2005, p. 1/2) escreve a respeito das exigências da pedagogia num universo de mudanças cadenciadas pelos seres humanos:

Os educadores, tanto os que se dedicam à pesquisa quanto os envolvidos diretamente na atividade docente, enfrentam uma realidade educativa imersa em perplexidades, crises, incertezas, pressões sociais e econômicas, relativismo moral, dissoluções de crenças e utopias. Pede-se muito da educação em todas as classes, grupos e segmentos sociais, mas há cada

vez mais dissonâncias, divergências, numa variedade imensa de diagnósticos, posicionamentos e soluções. Talvez a ressonância mais problemática disso se dê na sala de aula onde as decisões precisam ser tomadas e ações imediatas e pontuais precisam ser efetivadas visando promover mudanças qualitativas no desenvolvimento e aprendizagem dos sujeitos. Pensar e atuar no campo da educação, enquanto atividade social prática de humanização das pessoas, implica responsabilidade social e ética de dizer não apenas o porquê fazer, mas o quê e como fazer, Isto envolve necessariamente uma tomada de posição pela pedagogia.

Nas palavras de Libâneo ficam expostas as perplexidades impostas a atividade docente, seja ela dedicada a pesquisa ou a docência, a segunda ficam as decisões a serem tomadas acompanhadas de ações imediatas e pontuais á promover mudanças qualitativas na aprendizagem dos sujeitos e promover espaços aprendentes que envolvam a humanização das pessoas. Para essa tomada de decisão é preciso embasar-se em princípios éticos a desenvolver identidades.

A escola é um espaço propício a se propagar verdades? Que verdades são elucidadas no espaço educacional? Qual é a função do educador frente a esse cenário? Carvalho (2016, p.8) fala sobre as verdades construídas:

Mas alguém poderia contraindagar: não existe, de fato, um triângulo de lados iguais que deve ser ensinado de forma adequada e como verdade geométrica inconteste? Conhecer esta dimensão não é necessário à formação de competências humanas? Certamente que sim. Mas qual é a lógica de relação com o espaço, contudo, que está em jogo quando isto é ensinado a alguém? Que tipo de verdade é invocada para consagrar a tarefa de saber, de aprender, de conhecer e de reproduzir uma perspectiva? Que preço se paga por essa verdade? É disto que se trata, isto é, termos ou não a consciência das matrizes com as quais a verdade continua a produzir realidade interpretativa, constituição subjetivante, posturas cotidianas, ligações entre acontecimentos e percepções dos acontecimentos para grupos populacionais inteiros.

Carvalho faz uma importante reflexão colocando em questão que a partir das verdades constituídas a priori e não sua relação significativa com o que condiz a formação humana. Assim, alguns pressupostos; O que é ensinar? Como se ensina algo a alguém? Qual é o preço pago por essa verdade? Estas questões ficam pertinentes na posição do autor ao relatar a que verdade é apresentada no contexto do aprender e do conhecer ao reproduzir esse conhecimento. O que é permitido a partir dessa verdade nas constituições humanas aprendentes? Ainda, o que se faz com o viver em contextos de construção de identidade? Sim, que sujeitos são tomados a partir da luz de verdades impositivas e em contextos sociais e políticos por questionarem a sua valoração quanto ao bem comum. ?

Em termos sociais, com vistas à formação humana é importante perceber fatores que se colocam a elucidar verdades criadas com o objetivo de aferir verdades construídas e princípios com vistas ao capital humano liberal. Os sujeitos são levados a obediência a favor da igualdade. Carvalho (2016, p.12) escreve:

Por não saber como se deu um novo princípio, e num jogo de palavras, porque os princípios de um território já demarcavam a sua geografia, tais sujeitos enganam-se em sua reconstrução: “após as ruínas, nós recomeçamos criando uma nova sociedade”, Sociedade para a qual o fio da balança é a obediência às regras estabelecidas visando a uma “verdadeira igualdade”.

Na obediência a valores pré estabelecidos, onde o que se leva em conta é o lucro e a condução de pensamentos, ideias e condutas neoliberais em detrimento do humano. A obediência a leis elaboradas para o silenciamento, o calar das vozes e a destruição dos sonhos. Passa-se a acreditar no que é imposto como se fossem verdades históricas e os sujeitos negam a própria experiência em troca do que lhe é apresentado como verdade.

A obediência passa a moldar pensamentos e condutas, essa postura também adentra os espaços escolares, onde professores desenvolvem a cultura da obediência, do medo e da memorização de conteúdos. Nesta perspectiva é importante pensar na formação humana, Assmann (2000, p.210) fala a respeito da formação e da convivialidade humana:

Os analfabetos de amanhã não serão os que não aprenderam a ler e a escrever, mas os que não aprenderam a aprender por toda a vida. E aprender por toda a vida não significa apenas manter-se em estado aprendente diante de novas formas de atividade humana. Significa igualmente continuar criativo e aprendente no que se refere aos relacionamentos interpessoais e a convivialidade humana, tanto no plano interpessoal imediato quanto em perspectiva ampla e planetária.

Quando se fala em educação vale falar de formação, pois ambos fazem parte do educar, não basta apenas ensinar regras, é necessário desenvolver o pensar, o refletir e o construir ideias e conceitos que possibilitem o viver. Ainda é importante desconstruir verdades e ampliar conceitos e formações que levem a formar para a vida, o conviver e construir espaços humanos de convivência que não se prendam em princípios que os amarra a crenças e valores mercantis em detrimento do humano.

Assim, cabe pensar numa educação que preze o humano e atenda a todos e a cada um com respeito, pois é importante respeitar o outro dentro das suas verdades e domínio de existência na sua constituição humana, pois todo ser humano merece ser observado na sua singularidade em valoração da sua condição humana. Neste jogo de impotência é necessário observar a conduta onde o ser humano tornou-se cego as suas incapacidades. Na voz de Agamben (2009, p.4):

É sobre esta outra face mais obscura da potência que hoje prefere agir o poder que se define ironicamente como “democrático. Separa os homens não só e não tanto daquilo que podem fazer, mas antes do mais e as mais das vezes daquilo que podem não fazer. Separado da sua impotência, privado da experiência do que pode não fazer, o homem de hoje crê-se capaz de tudo e repete o seu jovial “não há problema” e o seu irresponsável “pode fazer-se”, precisamente quando deveria antes dar-se conta de ser entregue numa medida inaudita a forças e processos sobre os quais perdeu qualquer controle. Tornou-se cego não às suas capacidades, mas às suas incapacidades, não ao que pode fazer, mas ao que não pode ou pode não fazer.

Conforme apresentado por Agamben, há aqui uma importante discussão sobre o poder que se define democrático, onde separa o ser humano daquilo que podem não fazer. Algumas posturas egocêntricas podem ser tomadas tornando-o cego as suas incapacidades e o que pode não fazer.

Nesta discussão é importante pensar de que sociedade está se falando. Morin (2005, p.56) escreve que:

Quer saber o que é democracia? É um sistema que não tem verdade. Porque a verdade é a regra do jogo, como na ciência. A ciência não tem verdade, não existe uma verdade científica, existem verdades provisórias que se sucedem, onde a única verdade é aceitar essa regra e essa investigação. Portanto, existe uma democracia propriamente científica, como funcionamento regulamentado e produtivo da conflituosidade.

Segundo Morin, há aqui uma discussão entre democracia e ciência, onde ambas são apontadas como sistemas que não tem verdade. Na ciência há verdades provisórias onde a única verdade é aceitar essa regra. Logo existe uma democracia científica como regulamentado e produtivo da conflituosidade. Na educação transitam verdades tidas como absolutas, sendo importante ao educador compreender a razão epistemológica e desconstruir verdades que oprimem e negam a vida.

## **A FUNÇÃO EDUCADOR COMO PRINCÍPIO HUMANO FORMATIVO**

Em tempos quando se debatem paradigmas educacionais, onde se vive a educação das competências, num espaço que a educação preza pelo que é ditado pelo capitalismo neoliberal em detrimento da valoração humana, vale o questionamento: Qual é a função do educador em meio a uma educação que se constrói na perspectiva biopolítica neoliberal?

Assim, para responder em partes esse questionamento Carvalho (2016, p.12) escreve: “A função educador é um conceito operador, logo, possui força própria. E, nas fronteiras de sua especialidade, quer dizer justamente que nem todo professor, infelizmente, exerce a função educador.”

Conforme apresentado por Carvalho a função educador possui força própria, e está nesta força o poder para constituir vivências, criar possibilidades, fazer/oportunizar com o que aluno se compreenda enquanto sujeito agente e transformador da sociedade em que vive. Mas nem todo professor exerce a função educador, de agente político e transformador, pois sua função está para além dos conceitos matemáticos e gramaticais, está em usar esses conceitos para fazer com que o aluno pense, questione, perceba-se no universo aprendiz, sendo capaz de aprender, mas não aprender apenas conceitos e competências... Mas criar uma maneira de realizar-se em sua unidade e singularidade única de ver e sentir mundos.

Segundo Carvalho (2016, p.14) ao educador:

O educador, em sua individualidade, sempre está situado numa posição de sujeito. Entretanto, não despreza a inter-relação com a posição de outros sujeitos. Levando em conta a analítica de sua função- a função educador- é possível ao educador, enquanto sujeito, na posição de formador, de condutor, de governador, criar tensões nas linhas contínuas de forças que remetem às experiências de formação humana, quase sempre ligadas á formação das subjetividades já mapeadas e percorridas. A função – educador se dispõe a tornar possível outras posições para os sujeitos envolvidos no empreendimento da formação, inclusive para si mesmo. Por intermédio, são reexaminados os privilégios dos sujeitos e os elementos condicionantes envolvidos ali.

Ao ser e exercer a função educador o professor é capaz de tocar experiências formativas que levem o sujeito a refletir e construir o conhecimento. Nesta função de educador experimentar e construir conhecimento, pois o conhecer dá abertura para o

aprender, sendo que nesta lógica a formação é algo construído em parceria com o outro e não algo imposto e repassado por um sujeito que detém o saber.

Nesta perspectiva, vale pensar no que é e no que consiste ensinar e qual é a perspectiva do aprendente. Ainda, entender que não é possível pensar no processo de ensino sem compreender a complexidade que envolve a aprendizagem, pois ensino e aprendizagem são saberes que fazem parte de uma unidade complexa. Assmann (2000, p. 264) escreve que:

Um / a professor/a que acha ter esgotado uma explicação certamente ainda não entendeu que toda a realidade tem infinitas dobras. Explicar significa desdobrar (plicar é dobra, em latim). No mundo real da nossa experiência, no qual toda realidade é realidade construída, nada é totalmente desdobrável-ex-plicável- nem sequer nas melhores linguagens formais da matemática e da geometria euclidiana. Tudo tem outros endobramentos, não sabidas implicações. Ensinar não significa pretender ser um ex-plicante encarregado de repassar saberes prontos. Ensinar talvez seja mostrar algumas dobras de tal maneira que os aprendentes aprendam a desdobrar e a endobrar os assuntos sérios e gostosos da sua vida e do mundo a sua volta. Ensinar é, também, não eliminar nunca o momento-chave para insistir que, no mesmo assunto, ainda há outras dobras não desdobradas. Quem disser que isso significa complicar demais as coisas não entendeu que complicar (relacionar dobras) faz parte do respeito à realidade que jamais deve ser enrijecida ou congelada.

Na escrita de Assmann estão algumas questões que tangem a tarefa de ensinar, a qual vai além de uma simples explicação. Ensinar é possibilitar através do objeto de conhecimento “o pensar”. O termo explicar traz em cogitação que tudo pode ser explicado e tem por base um termo exato para o entendimento. Compreende-se que ensinar vai além de uma mera explicação, no ensinar há muitas dobras a serem desfeitas e nas reendobradas está o significado que cada objeto pode ser experienciado por alunos.

Então, se aprender é um experienciar/vivendo-se, cabe ao professor compreender que sua tarefa não se constrói apenas em passar normas prontas e conceitos que são passíveis de explicação, e sim, construir momentos de aprendizagem que possibilitem a pessoa construir espaços de viveres e conviveres. O conhecimento é algo vital ao sujeito, pois está no conhecimento a capacidade de descobrir as belezas do viver. Nessa construção percebe-se a vivacidade do que é ensinado/aprendido, não existem fórmulas prontas, mas caminhos a construir, pois a pessoa não é algo pronto e previsível.

O que está em discussão é o viver, e nesta vivências não pode haver determinismos e sim espaços que valorem a vida. Onde pessoas possam perceber o conhecimento como momentos reflexivos a criar espaços viventes, indo para além de qualquer determinismo. Sendo ilustrado por Maturana (1995, p. 154) escreve que:

Quando um adivinho profissional promete predizer nosso futuro com sua arte, geralmente ficamos cheios de sentimentos contraditórios. Por um lado, nos atrai a ideia de que alguém olhe para nossas mãos e, valendo-se de um determinismo para nós inescrutável, possa antecipar nosso futuro. Por outro lado, a ideia de sermos seres determinados, explicáveis e previsíveis nos parece inaceitável. Apreciamos nosso livre arbítrio e queremos estar além de qualquer determinismo. Mas, ao mesmo tempo, queremos que o médico cure nossos males tratando-nos como sistemas estruturalmente determinados. O que revela isso? Que relação há entre nosso ser orgânico e nossa conduta?

O ser humano, como apresentado por Maturana, não pode ser determinado ou explicado, está nele à condição de construir seus próprios viveres, sem ser guiado por uma explicação determinista. A função educador está em entender que o ser humano não é explicável e nem predeterminado, por isso in-explicável... Portanto, a experiência de cada pessoa, numa classe de 30 alunos, terá trinta formas diferentes de olhar para o objeto. Sendo que neste olhar cada qual irá observar o objeto significativamente e atribuir-lhe significado.

Assim, a função educador é um convite a pensar nas possíveis realidades, novas subjetividades, o que está para além do objeto de ensino. Ou simplesmente entender que a tarefa do educador é possibilitar ver o que ainda não foi visto, mas não com um olhar predeterminado, mas com a capacidade de intuir e promover momentos que transformem experiências e permitam vivências.

Dentro disso, Maturana (1995, p. 159) traz a experiência vivida por duas meninas ao serem criadas por lobos:

[...] duas meninas de uma aldeia bengali ao norte da Índia que, em 1922, foram resgatadas (ou arrancadas) de uma família de lobos que as havia criado em total isolamento de qualquer contato humano. Uma das meninas tinha oito anos e a outra cinco. A menor morreu pouco tempo depois de ser encontrada, e a outra sobreviveu mais dez anos com outros órfãos com quem foi criada. Quando foram encontradas as meninas não sabiam andar sobre os pés, mas se moviam rapidamente de quatro. É claro que não falavam, e seus rostos eram inexpressivos. Queriam comer apenas carne crua, tinham perfeitamente saudáveis e não apresentavam nenhum sintoma de debilidade mental ou desnutrição. Mas a separação da família lupina causou-lhes uma profunda depressão que as levou à beira da morte, sendo que uma efetivamente morreu. A menina que sobreviveu dez anos acabou por mudar seus hábitos alimentares e seus ciclos de atividade. Aprendeu a caminhar

sobre os dois pés, mas sempre voltava a correr de quatro em situações de urgência. Nunca chegou propriamente a falar, embora usasse um punhado de palavras. A família do missionário anglicano que cuidou dela, bem como outras pessoas que a conheceram intimamente, nunca sentiu que fosse verdadeiramente humana.

O fato apresentado por Maturana é no mínimo reflexivo no que tange a questão: O que nos torna humanos? Como desenvolvemos as sensibilidades, a amorosidade e o conviver? As condutas humanas? Qual é a importância do toque, do olhar, da troca de afeto na construção das relações humanas? Essas questões vêm com a finalidade de fazer pensar... refletir... Desconstruir ideias e posturas que negam a vida e responder a questão principal; Afinal, o que nos torna humanos? Então, para pensar sobre estas questões é importante reconstruir pensamentos e posturas, pensar e viver nas relações e inter-relações, olhar e colocar-se no lugar do outro... Atitudes tão difíceis de encontrar numa sociedade voltada a ações neoliberais em detrimento do humano. Nestas reflexões constitui-se a função educador, pois cabe a este promover momentos que sejam capazes de ir além do que está predeterminado num currículo e o perceber como ferramenta de desenvolvimento humano.

Vale ressaltar que posturas voltadas à produção capitalista neoliberal vêm tomando conta e deixa de lado as relações construtivas e relacionais voltadas ao ser para e abrindo espaços para condutas que negam a vida em nome do ter. Vale ao olhar do observador construir sua visão sobre o mundo. Na dinâmica do observar é possível ver uma unidade de diferentes ângulos e ver-se a si a partir de diferentes experiências. Assim, Maturana (1995, p. 165) diz que:

Na verdade, a situação é simples. Como observadores, podemos ver uma unidade em domínios diferentes, dependendo das distinções que fizemos. Assim, por um lado, podemos considerar um sistema no domínio do operar de seus componentes, de seus estados internos e mudanças estruturais. Nesse caso, para a dinâmica interna do sistema, o meio não existe, é irrelevante. Por outro lado, também podemos considerar uma unidade segundo suas interações. Nessa perspectiva, em que o observador pode estabelecer relações entre certas características do meio e a conduta da unidade, é a dinâmica interna que se torna irrelevante.

Então, como observador pode-se construir dinâmicas diferentes quanto ao olhar, o entender e o compreender um sistema vivo, dando a estes significações e estabelecer relações entre certas características. Assim, a função educador, vale o olhar para o aluno como uma unidade única e singular, embora esse faça parte de uma família e viva num meio social, o mesmo é único e deve ser respeitado quanto a

sua singularidade. Ao fazer essa dinâmica de reconhecimento o educador passa a valorizar o conhecimento, as experiências e a capacidade cognitiva deste aluno.

Portanto, é necessário que o educador esteja disposto a construir diferentes posturas e novas condutas que o levem a compreender o aprender e o ensinar como objetos dinâmicos e nesta dinâmica valorar e construir condutas viventes. Dentro disso, Maturana e Varela (1995, p.166) traz uma ilustração desta postura:

Talvez isso fique mais claro com uma analogia. Imagine uma pessoa que passou toda sua vida dentro de um submarino. Nunca saiu dele, mas recebeu um treinamento perfeito de como operá-lo. Estamos na praia e vemos que o submarino se aproxima e merge graciosamente à superfície. Então, pegamos o rádio e dizemos ao piloto: “Parabéns, você evitou os recifes e emergiu com muita elegância. As manobras do submarino foram perfeitas.” Mas nosso amigo no interior do submarino fica perplexo: “ Que negócio é esse de recifes e emergir? Tudo o que fiz foi mover alavancas, girar botões e estabelecer certas relações entre indicadores, numa sequência prescrita à qual me acostumei. Não fiz manobra alguma e não sei de que submarino está falando. Deve estar brincando.”

A ilustração de Maturana e Varela traz uma analogia que descreve a conduta aprendida, na qual a pessoa usa os mecanismos apreendidos para manipular e conduzir o submarino. Ao pensar nesta postura cabe refletir sobre ocasiões em que aprendentes adquirem somente a técnica, nesta postura observa-se que não houve aprendizagem, pois se desenvolveu apenas a técnica sem relação com as experiências vividas.

Cabe dizer aqui que como o condutor do submarino o professor foge a sua condição de educador, tornando-se apenas um mero codificador de conteúdos que são repassados a sujeitos que devem responder àquilo que o professor busca como resposta. Nesta dinâmica não está em jogo a construção de conhecimentos... O respeito às singularidades... A valoração da vida. Condutas como esta são comuns no meio educacional, a reprodução do conhecimento sem relevância social e humana.

Assim, é importante repensar condutas, reavaliar posicionamentos e desconstruir verdades absolutas, para que então se possa pensar numa educação que priorize a vida e as singularidades na construção de uma educação humanizadora, onde a função do professor seja a de educador, um educador que mostre o que ainda não foi visto e eduque para a vida.

Dentro disso, é importante pensar a função educador nos princípios da autopoiese, sendo que no contexto educacional vale perceber que está a se falar de vidas, seres humanos, sistemas vivos, estes com a possibilidade de aprender e experienciar através da educação. Sim, a educação é o espaço propício para se desenvolver sistemas viventes, experiências e momentos de aprendizagem. Onde o educador tem sua função valorada por princípios que regem a vida. Assim, a discussão irá apoiar-se no conceito de autopoiese defendido por Maturana e Varela com a possibilidade de perceber a função educador através da ótica da autopoiese.

Neste sentido, Maturana e Varela (1997, p.24) fala da teoria da autopoiese:

A compreensão do caráter sistêmico dos fenômenos que abrangem o vivo que a teoria da autopoiese faz possível permite explicar a origem dos seres vivos na terra, ou em qualquer lugar do cosmos, como o surgimento espontâneo de um ser vivo como entidade distinta, tão logo quando se estabeleça à dinâmica autopoietica molecular como um fenômeno sistêmico.

A teoria da autopoiese trata dos sistemas vivos e neste surgir da vida está a singularidade pelo surgimento espontâneo de um ser vivo como entidade distinta. Como sistemas autopoieticos o ser humano encontra-se com a sua singularidade e nela constrói a sua identidade, a não comparar-se com outro ser vivo, pois sua organização autopoietica é única. Assim, dinamiza-se que o experienciar depende do olhar do observador e como o mesmo constrói seus significados.

Dentro disso, está no observador a construção da sua experiência, Maturana e Varela (1997, p.29) fala a respeito do acontecer experiencial do observador:

O tempo surge no explicar do observador a partir da distinção da assimetria do acontecer de sua experiência, ainda na situação na qual ele ou ela distingue um fenômeno que denomina reversível, já que para fazer tal coisa o observador deve distinguir sua própria assimetria experiencial.

Neste contexto a função educador tem como experiência a construção dinâmica de compreender a atividade docente como um experienciar e nesta construção promover espaços que contribuam para aprendizagem que considerem o ser humano na sua constituição histórica e experiencial.

Vale discutir aqui a questão em que seres humanos são rotulados por pertencer a determinada família a qual teria que desenvolver comportamentos aproximados a de seus semelhantes. Nesta vertente é importante olhar o ser humano na sua

integralidade e para tal o educador tem a função de buscar subsídios e esclarecimentos ao fazer docente, para que a aprendizagem possa de fato assumir seu papel transformador e levar a luz do conhecer a espaços dinamizadores de aprendizagem que permitam a vida.

## **CONCLUSÃO**

A educação é um dos princípios humanos que na sua operacionalidade tem como direção a formação humana. No cenário em que se desenha a educação percebe-se várias carências no que tange a formação, a dignidade, a escola com qualidade para todos, as desigualdades sociais, os milhões de brasileiros que ao sair da escola não estão preparados e acabam por marginalizar-se em condições de sub emprego.

Assim, a educação clama uma resignificação que reinvente a vida e atribua novos significados aos processos educativos. Sendo possível pensar na escola que educa para e com princípios voltados a dignidade humana, uma escola para todos numa sociedade que atende e prioriza a educação.

Ainda, é importante educar pensando nas sensibilidades, em perceber a condição do outro a desenvolver empatia e solidariedade e ultrapassar condutas seletivas/ organizativas que não possibilitam a vida. Não se pode mais viver numa sociedade com aparências políticas e democráticas envoltas por subjetividades cruéis e destruidoras de tudo o que é vivo. É, antes de tudo necessário educar resistindo para possibilitar uma reexistência, onde os alunos possam criar significados e escolher seus próprios caminhos.

Neste íterim, não basta ser professor, é necessário ser educador, pois o processo de educar é emancipatório e educa com abertura para a esperança, faz com que o aluno possa também através do conhecimento científico construir suas experiências. O conhecimento só é válido quando o aluno atribui a determinado conceito a significação e só o fará quando for respeitada a sua singularidade e o seu experimentar.

Dentro disso, vale compreender que cabe ao educador perceber que o aluno é uma organização biológica, social e cultural única, e como tal precisa ser respeitado

na sua singularidade. A singularidade de cada aluno é que faz dele um indivíduo único e pleno. O educar precisa compreender os aspectos singulares de cada aluno, pois o apreender também é diferenciado.

Assim, é tempo de romper com os estigmas neoliberais que adentram os currículos e os espaços escolares. Basta de silenciamentos, a educação precisa de educadores que levem em conta o educar em valorização da vida, da dignidade humana, onde a educação seja realmente de qualidade para todos. É necessário dizer não há uma escola que seleciona os mais aptos e por isso excludente, não há como comparar pessoas, cada qual tem a sua organização autopoietica e por isso única. Neste contexto, no que tange a aprendizagem não cabe movimentos de seleção, comparação ou separação e sim um olhar que perceba o aluno como persona com capacidades de aprender num movimento de aprendizagem que possibilite desenvolver a vida. E não um educar voltado ao desenvolvimento de competências, pois está se falando em personas, seres humanos e não colaboradores do capital.

Portanto, vale a escola tornar-se espaços aprendentes, onde o conhecimento tenha o poder de emancipar, valorizar, destruir a ignorância e promover momentos ricos de aprendizagem, onde os alunos se sintam convidados a refletir... Pensar... Construir... E ressignificar sua existência. Onde o conhecer seja uma oportunidade de desenvolver a formação humana.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Tradução Miguel Serras Pereira. 2009.

ASSMANN, Hugo. **Competência e sensibilidade solidária; educar para esperança**/ Hugo Assmann, Jung mo Sung. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. **A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal**. Processo 2016/ 05440-7, Fundação à pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), ano 14, v.14, n. 244, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. São Paulo: Alínea, 2005.

MATURANA, Humberto R., Francisco Varela G. **A árvore do conhecimento; As bases biológicas do entendimento humano.** Tradução Jonas Pereira do Santos. Editorial Psy II, 1995.

MATURANA, Humberto. **De máquinas e seres vivos: autopoiese- a organização do vivo/** Hurberto Maturana Romesin Francisco J. Varela Garcia; 3, ed; trad. Juan Acuña Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORIN, Edgar, 1921-M85c **Ciência com consciência** / Edgar Morin; tradução de Maria 8ª ed. D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. - Ed. revista e modificada pelo autor - 8ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 350p.

PROGOGINE, Ilya. **A nova aliança: metamorfose da ciência.** Por Ilya Prigogine e Isabelle Syengers. Tradução de Miguel Faria e Maria Joaquina Machado Trincheira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. 247p.

STRIEDER, Roque. **Educar para a iniciativa e a solidariedade/Roque Strieder.- 2. Ed.-Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. - - 368 p. - - (Coleção educação).**